

O sapo abraçado à garrafa de cerveja: conversa com o texto de Slavoj Zizek – “Quando a sexualidade se torna sinistra”

Eliane Costa Dias



No texto *When sexuality becomes creepy*, publicado recentemente no número inaugural da Revista Lacuna (mais uma revista de psicanálise online), o filósofo e cientista social Slavoj Zizek afirma: “A sexualidade hoje vem sendo reduzida cada vez mais às satisfações encontradas nos objetos parciais: somos constantemente bombardeados com objetos-engenhocas que prometem nos proporcionar um prazer desmedido e sem muito esforço”. E nos apresenta a última moda a esse respeito – a chamada *Unidade de treinamento de desempenho e resistência (Stamina Training Unit)*. Uma contraparte ao conhecido vibrador: um dispositivo para masturbação com formato semelhante a uma lanterna a pilhas. Basta colocar o pênis ereto na abertura na extremidade e apertar o botão para que o objeto vibre até se obter a satisfação desejada. O produto está disponível na internet, em opções variadas de cores, nível de constrição e configuração, reproduzindo os três orifícios mais corriqueiros para a penetração sexual (boca, vagina, ânus). No Brasil, o produto é comercializado com o nome de “lanterna” e na Inglaterra como *fleshlight*, num jogo de homofonia entre *flashlight* (lanterna) e *flesh* (carne).

Em sua leitura da novidade de mercado, Zizek interpreta que o que se adquire é, na verdade, um objeto parcial (literalmente, uma zona erógena) que priva o sujeito do ônus embaraçoso de ter que lidar com o outro em sua totalidade. E sugere que no horizonte ideal apontado por essa tendência de abordagem da intimidade, poderíamos comparecer a um encontro

“devidamente munidos com o *gadget* mais conveniente (um com um vibrador e o outro com o tal dispositivo masturbatório); assim, após educadamente nos cumprimentarmos, colocaríamos o tradicional vibrador dentro da “lanterna” e ligaríamos ambos ao mesmo tempo, abrindo mão de toda a diversão para esse casal ideal, ao passo que nós, os parceiros humanos ditos reais, sentaríamos numa mesa não muito distante e beberíamos um chá apreciando tranquilamente o fato de que, sem muito esforço, daríamos por cumprida nossa obrigação de gozar enquanto os dois apetrechos vibram e gemem ao fundo”.ⁱⁱ

Essa fantasia de caso perfeito de gozo entre duas máquinas que gozam por nós seria, na verdade, um suplemento à cena real e sempre faltosa do encontro de dois corpos sexuados, marcada pela incompletude e pela não relação.

O autor descreve outras variações dessa fantasia circulando na mídia e no imaginário social contemporâneo. Destaco um comercial inglês que, segundo Zizek, em sua primeira parte é a edição do conhecido conto de fadas: uma jovem caminha próxima a um riacho e encontra um sapo, o beija e ele se transforma em um belo e jovem rapaz. Mas a história não termina por aí: o rapaz lança um olhar desejoso sobre a donzela, puxa-a contra ele e a beija... e eis que ela se transforma numa garrafa de cerveja, estupidamente gelada, a qual ele segura triunfante.

“Temos então ou uma mulher com um sapo ou um homem com uma garrafa de cerveja; o que não podemos jamais obter é o casal dito ‘natural’ formado pela linda mulher e o belo homem”.ⁱⁱⁱ

Mas, por que não?

Zizek nos mostra que os vários exemplos bizarros descritos são versões distintas do aforismo com que Lacan enuncia o real da condição dos seres falantes: *Não há relação sexual*. O “estranho/sinistro” (no sentido mais freudiano do termo) na sexualidade tem a ver com o fato de que não há relação natural entre os seres sexuados. O real da incompletude entre o Um e o Outro nos joga inexoravelmente no enigma do desejo do Outro. “O que torna o próximo ‘sinistro’ não são suas atitudes esquisitas, mas, sim, a impenetrabilidade ou enigma do desejo que sustenta seus atos”.

O mal-estar da incompletude e o impossível da não relação só podem ser suplementados por um objeto fantasmático. No encontro, cada um dos sujeitos está às voltas com seu próprio fantasiar subjetivo: a mulher sonha com o sapo que seria o homem perfeito; o homem sonha com a mulher que lhe daria satisfação imediata sem qualquer demanda. Portanto, o ‘sinistro’ em jogo na sexualidade residiria na constatação de que o suporte fantasmático do “par ideal” seria a inconsistente figura de um *sapo abraçado a uma garrafa de cerveja*.^{iv} Uma imagem-real, habilmente recoberta com o véu do amor e suas desventuras. O “sinistro”, portanto, é o inerente à sexualidade humana.

No entanto, em nota o tradutor do artigo nos alerta que embora a intenção do autor de jogar com o termo freudiano “estranho/sinistro” seja clara, a palavra *creepy* abre a possibilidade de distintas interpretações: “apavorante”, “bizarro”, “medonho”, ou ainda, “esquisito”, “insólito”, “esdrúxulo”. Poderíamos, então, transformar o título do artigo de Zizek numa interrogação - *When sexuality becomes creepy?* Perguntando de outra forma: o que há de *creepy* na sexualidade nos tempos atuais?

A partir do último ensino de Lacan, a noção de forclusão generalizada nos remete ao fato de que o humano se constitui a partir do encontro entre o *vivo* e a *linguagem*, encontro sempre contingente e traumático, na medida em que a entrada do significante recorta o corpo vivo e o esvazia do gozo, abrindo um furo no simbólico impossível de recobrir ou de significantizar. Todo sujeito,

a partir desse furo constituinte, tem que encontrar uma saída para lidar com o real do gozo, com o real pulsional, que é sempre excessivo, que ex-siste e insiste, podendo ser avassalador.

Do lado masculino da solução, o significante e a castração fazem barreira ao gozo. A significação fálica e o fantasma circunscvem os limites do gozar. Desse lado da sexuação, somos todos (homens e mulheres) sujeitos divididos suportados pela fantasia da relação com o objeto. Somos todos aspirantes ao ideal de sapos abraçados à cerveja.

No entanto, o lado feminino da sexuação nos diz de uma outra relação com o gozo que não passa pela baliza fálica – um gozo suplementar ao gozo fálico. Na perspectiva lacaniana, o feminino designa uma dimensão do gozo que retorna e que pode ser experienciada pelo sujeito, mas fora da significação fálica: um gozo opaco, difuso e enigmático, impossível de nomear. Gozo louco, sem sentido e sem limites, movido por um imperativo superegóico – goza!

Na cultura contemporânea, sob a égide do discurso capitalista e do discurso da ciência a subjetividade e os laços sociais se constituem ancorados na lógica do consumo e do empuxo ao gozo. A globalização e o tecnicismo, ao proporem a padronização e a massificação, resultam em um afrouxamento da eficácia das referências simbólicas e numa “desubjetivação” – um apagamento do sujeito e das singularidades.

Na perspectiva do último ensino de Lacan essa “atualidade” tem sido pensada como um movimento de “feminização” da cultura. Entendendo que, na impossibilidade de recalcar, de esconder o mal-estar inerente ao sujeito, o declínio do simbólico convoca a um *a-mais* de satisfação. A queda dos ideais e dos semblantes conduz a um empuxo ao gozo fora do sentido, sem limites, sem referências simbólicas que possam capturá-lo ou circunscrevê-lo. Um movimento perigoso e mortífero na medida em que além de certo limiar, o excesso de gozo leva ao despedaçamento do corpo e ao desaparecimento do sujeito.

A psicanálise tem a dizer que o feminino que está em todo corpo nos seres falantes pode levar à devastação. Mas pode levar também ao ultrapassamento da “fixação”, levar à diferenciação, permitindo invenção, criação, singularidade. Afinal, a queda dos semblantes, atravessar essa experiência vertiginosa com o real da inconsistência do Outro e da existência, não é o que se visa em um tratamento analítico? A direção de um tratamento, para homens e mulheres, não passaria, então, por um “saber fazer” com o gozo feminino?

No entanto, o texto de Žižek nos aponta algo um pouco mais *creepy* nos tempos atuais – o engodo de uma suposta transgressão perversa da ordem social na cultura hiper-moderna. O autor destaca que Freud e Lacan sublinharam persistentemente que a perversão, longe de ser subversiva, é o avesso oculto do submetimento ao poder. O perverso sabe exatamente o que sustenta sua posição enquanto objeto de *jouissance* do Outro. “No laço histórico, por outro lado, o sujeito (\$) sobre o objeto *a* representa o sujeito que se encontra dividido, traumatizado por aquilo que, enquanto objeto, ele é para o Outro, e às voltas com o papel que exerce no desejo do Outro”.^v O sujeito histórico se horroriza com a possibilidade de ser reduzido a um objeto. O que a histórica espera do Outro-mestre é saber sobre seu valor enquanto objeto.

O autor formula a hipótese de que o fenômeno que vem sendo chamado de *borderline* seria nada mais que uma forma contemporânea da histeria.

“Felizmente, a ordem social já não mais oprime as mulheres tão explicitamente como na época da chamada ‘dona de casa’; contudo, elas ainda enfrentam pressões conflituosas. (...) Algumas das contradições inclusive se intensificaram e se agravaram, como, por exemplo, o fato de as mulheres terem de se sobressair na vida profissional sem deixar de cumprir os requisitos tradicionais da maternidade; as mulheres sofrem por se verem sob um excesso de vazões ou descargas para o desejo, que são contraditórias entre si. Daí a manifestação contemporânea da histeria não ser a da intrusão psicossomática do corpo na ordem social: em face da demanda impossível de se “ter tudo”, a histérica, com efeito, “faz greve”, recusando o desejo por completo”.

“O sujeito *borderline* é, pois, *uma histérica sem um mestre*, uma histérica que não é oprimida pelo mestre, mas que se vê demandada por uma figura ao estilo ‘perito-consultor’ a exercer e concretizar todo seu potencial, para que ‘tenha tudo’, levando uma vida plena. Essa injunção, obviamente, adquire de imediato a dimensão superegoica de uma pressão insuportável, à qual o sujeito só pode responder por meio da retirada ou recolhimento do desejo”.^{vi}

Ou seja, na era da permissividade o empuxo ao gozo pode levar à abolição do desejo, a uma errância pelo desfiladeiro de objetos-*gadgets* pela impossibilidade de desejar.

Se isto é o que há de *creepy* na sexualidade nos tempos atuais, a resposta da psicanálise para o mal-estar contemporâneo passaria, não por uma busca de saber e dominação (saída ilusória da ciência), mas um “saber fazer” com o gozo feminino. Um saber fazer que permita suportar o sem sentido e a incompletude. Suportar a *vã existência* a partir da invenção de uma singularidade única, mas responsável e implicada com o laço social e com o campo do Outro, ainda que inconsistente.

ⁱ ŽIŽEK, Slavoj (2015) Quando a sexualidade se torna sinistra. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 0, p. 10, 2015. Disponível em: <http://revistalacuna.com/2015/09/29/quando-a-sexualidade-se-torna-sinistra/>

ⁱⁱ ŽIŽEK, S. – idem.

ⁱⁱⁱ ŽIŽEK, S. – idem.

^{iv} ŽIŽEK, S. – idem.

^v ŽIŽEK, S. – idem.

^{vi} ŽIŽEK, S. – idem.